

# CIVILIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA E LINGUAGEM

Fábio Aparecido Barbosa<sup>9</sup>

## RESUMO

A linguagem tem um lugar primogênito de manifestação do ser, é um tema com lugar privilegiado na reflexão filosófica. Sem a linguagem não poderemos chegar a conhecer e a dar a manifestação do ser. A linguagem está sendo utilizada simplesmente como instrumento do Eu pensante. Com atenção olhamos a ruptura do paradigma clássico sobre a identidade dialética entre o pensamento e o ser.

**PALAVRAS CHAVES:** Linguagem; Manifestação; Ser; Reflexão filosófica

## INTRODUÇÃO

Desde o início da filosofia antigo-medieval a linguagem tornou-se um tema privilegiado de reflexão filosófica. A linguagem tem o lugar primogênito de manifestação do ser, ou seja, apresenta-se como um tema privilegiado da reflexão filosófica. Sem a linguagem não podemos chegar a conhecer e a dar esta manifestação do ser. Dois caminhos desde o início apresentam-se como formas específicas de *logos*. De um lado, o caminho ontológico seguindo pelas primeiras formas do filosofar passa necessariamente pela mediação da linguagem, de outro, a linguagem mesma oferece-se como terreno para o caminho lógico, que explora justamente sua natureza, estrutura, formas e usos. Ontologia e lógica apresentam-se, assim, desde o início, como formas específicas de linguagem (*logos*), seja como lugar de manifestação e comunicação do ser, seja como lugar de constituição de uma metalinguagem ou de reflexão sobre si mesma.

Nossa intenção não será refletir sobre a filosofia da linguagem como tal, mas refletir sobre a sua dimensão hermenêutica ou interpretativa e sobre as vicissitudes por ela vividas no clima intelectual da contemporaneidade aplicado ao campo da Educação. Refletiremos, pois, nesse imenso multiplicar-se das linguagens formais ou artificiais e nessa deterioração das linguagens naturais que ameaçam transformar o

---

<sup>9</sup> Especialista em Docência Universitária pela Faculdade Católica de Anápolis-GO; Professor da Faculdade Católica de Anápolis

espaço de comunicação dos homens da contemporaneidade mais recentes numa nova e incontrolável Babel<sup>10</sup>.

No decorrer deste, procuraremos refletir sobre uma primeira premissa que é posta justamente pela iniciativa teórica que reivindica a primazia da representação sobre o objeto. Desta virá a conseqüência que será paulatinamente explicitada ao longo do processo de formação da contemporaneidade, ou seja, o abandono da concepção e do uso da linguagem como forma de vida sendo substituído pela concepção e uso da linguagem como instrumento do Eu pensante. E uma segunda premissa apresenta-se como princípio lógico para a explicitação progressiva das exigências teóricas levantadas pelo novo paradigma do conhecimento que prevalece na passagem do mundo medieval para o mundo moderno. Esse paradigma oferece-se como alternativa no momento em que se consuma, em clima nominalista, a ruptura do paradigma clássico fundado sobre a identidade dialética entre o pensamento e o ser, sobre a qual Platão estabeleceu no diálogo sofista os fundamentos da ontologia ocidental que a tradição traduziu no axioma: a inteligência em ato é o inteligível em ato.

## SUJEITO E LINGUAGEM

### 1. Os dois pólos

Se analisarmos as linhas fundamentais do pensamento pós-kantiano percebemos dois pólos que estão ligados entre si pela unidade dialética do mesmo globo intelectual, diríamos que estes dois pólos de certa maneira estão em unidade, mas numa unidade que é um pouco negativa, como veremos ainda no decorrer deste, onde o sujeito é considerado como objeto pela linguagem e a linguagem é considerada como objeto do sujeito.

Há um pólo definido pelo estatuto transcendental do sujeito e que foi estabelecido pela revolução copernicana de Kant. Neste pólo encontram-se as filosofias do idealismo alemão, as filosofias da história, da sociedade e todas as suas variantes. Outro pólo constituído pelo estatuto transcendental de linguagem e que acabou emergindo definitivamente com o *linguistic turn*<sup>11</sup>, ou seja, a linguagem considerada como o nó onde se atam todos os fios do pensamento filosófico contemporâneo. Na direção do pólo da linguagem orientam-se as filosofias da lógica, da ciência, da cultura e outras.

---

<sup>10</sup> Gn 11, 1-9

<sup>11</sup> A expressão parece ter sido introduzida por G. Bergmann, citado por G. Gabriel, art. "Sprachanalyse", *Hist. Wört. Der Phil.*, 9,1435-1437. Ver igualmente Manfredo A. de Oliveira, *Reviravolta lingüístico-pragmático na filosofia contemporânea*, São Paulo, Loyola, 1997.

O pólo transcendental do sujeito e o pólo transcendental da linguagem, mesmo que estejam situados no interior do mesmo campo temático, possuem uma oposição de contrariedade. Esta oposição é de discussão filosófica, mas que de certa forma estabelece entre ambos uma unidade superior, como afirma Henrique C. de Lima Vaz (1997, p. 182.):

É, pois, uma oposição de natureza dialética, vigorando aqui a lei que rege a suprassunção dos contrários numa unidade superior, da qual sujeito e linguagem participam pela circulação dialética que entre eles se estabelece. A linguagem passa a ser considerada na clausura dos sinais imanentes à atividade significante do sujeito, e o sujeito, por sua vez, termina objetivizado na estrutura universal das linguagens que, tendo sido constituídas como formas do seu dizer, acabam sendo o seu universo anônimo dos sinais que se reenviam um ao outro e no qual o próprio sujeito é simplesmente dito. Tal é a unidade superior na qual passam sujeito e linguagem e que suprime a sua oposição no gigantesco fluxo de sinais que envolvem e condicionam a vida humana no clima cultural da modernidade.

Na situação em que nos encontramos é colocado em jogo um dos conceitos fundamentais da nossa civilização, o conceito de pessoa, conceito no qual a civilização ou a pessoa muitas vezes até não percebe que está em jogo. O conceito de pessoa está sendo considerado como um objeto qualquer, onde as próprias pessoas através da linguagem perdem e fazem a outros perderem um grande fundamento de suas vidas.

A pessoa se torna instrumento, onde se este ou esta me serve está bem, se não me serve e não tem nenhuma utilidade para mim a elimino, me livro dela. Um exemplo disto é o capitalismo liberal que acaba iludindo as pessoas a terem um bom bem estar, mas em meio a todo o consumismo que se cria, muitas pessoas acabam se tornando objetos, meios para se alcançar fins egoístas, aqui até mesmo a educação se torna vítima quase que primeira em nossos dias deste capitalismo desmedido. A pessoa se torna um objeto entre outros mais. “A pessoa já não significa, segundo a definição boeciana *Subsistens distinctum in rationali in rationali natura* (subsistente distinto na natureza racional) (LIMA VAZ, 1997, p. 182) ou a definição dada por Santo Tomás de Aquino (*Summa Theologiae*, I, q.29 a. 4c) que nos diz, “a pessoa significa o que há de mais perfeito na natureza”. “A trajetória histórica da idéia de pessoa caminha para a perda inexorável da sua substância ontológica” . (LIMA VAZ, 1997, p. 183.).

A pessoa subsiste apenas nos formalismos jurídicos e políticos, nos formalismos cheios de palavras bonitas, bem apresentadas para a sociedade, mas que no fundo sem conteúdo definido de uma linguagem ética, ou seja, o conceito de pessoa emigra para uma forma de existência convencional codificada como linguagem; por outro lado, a linguagem também se encontra em uma situação difícil, “ela se encontra, de fato, confrontada na sua fragilidade com as grandes estruturas tecnocientíficas e organizacionais, senhoras das únicas linguagens eficazes, que cobrem majestosamente o

ruído de fundo apenas perceptível das suas declamações insignificantes e vãs” (LIMA VAZ, 1997, p. 183.).

Enfim, percebemos que a pessoa caminha para a perda da sua substância ontológica, ao passo em que a linguagem é tomada simplesmente como um objeto para fins que muitas vezes acabam ajudando nesta destruição do significado de pessoa. É claro que podemos afirmar com precisão que a educação neste sentido em todas as suas dimensões fica prejudicada, o desafio de Educar se torna bem maior quando nos deparamos com uma sociedade que perde o verdadeiro significado de pessoa, e simplesmente toma a linguagem como um instrumento que pode manipular a todos. Mas, também, cabe-nos dizer que perdemos muito quando pensamos que os conceitos de linguagem são simplesmente para nos comunicar e acabamos desconsiderando que ela nos leva a ver o mundo de outra forma.

A língua não é simplesmente uma ferramenta de comunicação, ela também reflete a percepção do mundo vigente em dada comunidade cultural. Esse universo conceptual comporta muito mais noções – ou categorias conceptuais – do que as que encontramos na língua. Os conceitos da linguagem permitem-nos não só comunicar, como também nos levam a ver as coisas e o mundo de determina forma. (DELBECQUE, 2008, p. 17).

O fim da metafísica anunciado como a entrada da humanidade ocidental na sua idade da razão colabora com o destino ou com o significado de pessoa. O exílio da metafísica, como sabemos, foi decretado ao ser estabelecida a soberania do sujeito sobre todas as províncias do saber; procurou-se esquecer, deixar o ser de lado e se localizar no campo da linguagem do saber.

Ao deixar a metafísica de lado, a humanidade pensou que iria ganhar, pois estaria agora concentrada em um novo campo de conhecimento, mas não se pensou que ao deixar a metafísica fora do pólo do sujeito e do pólo da linguagem o conceito de pessoa perderia seus fundamentos metafísicos.

O absoluto goza, no entanto, por definição, de uma identidade lógica que acaba absorvendo em si sujeito e linguagem; de tal sorte que a aventura filosófica dos nossos tempos pós-metafísicos encontra seus desfechos na substituição do axioma gnosiológico-metafísico a “a inteligência em ato é o inteligível em ato” por esse outro que é, exatamente, enquanto identidade do sujeito e da linguagem, o simulacro pseudometafísico do primeiro: “a linguagem em ato é o inteligível em ato”. O relativismo de Protágoras encontra aqui uma inesperada transposição: a linguagem é a medida de todas as coisas; das que são para que sejam, das que não são para que sejam (LIMA VAZ, 1997, p. 184.).

# CIVILIZAÇÃO E LINGUAGEM

## 1. A razão é metafísica

É como uma aventura de idéias que não teria outro interesse além de alguns episódios teóricos emocionantes, se não fosse igualmente uma aventura de civilização.

Nela, a história vivida pela humanidade ocidental nos tempos modernos é pensada justamente como um roteiro de distanciamento da metafísica e de dissolução da idéia clássica do homem - da pessoa humana - que ela se fundava. (LIMA VAZ, 1997, p. 183.).

Nossa civilização, desde sua aurora grega, avançou pelos caminhos da razão, foi condenada a ser uma civilização metafísica. Quando se parecia a todos que a civilização metafísica iria permanecer para sempre, apareceram outros astros que se colocaram a guiá-la e abriram um novo horizonte deixando, assim, a metafísica de lado; começou-se a colocar toda a atenção num novo horizonte chamado homem, propondo-se assumir, na imanência dos seus desígnios e das suas obras, o sentido absoluto do seu existir, inaugurando, assim, o ciclo de civilização que se convencionou denominar contemporaneidade.

Bem, sabemos que, negando ou não a realidade da razão, devemos e precisamos usá-la para afirmar ou negar, pois, se digo a razão não existe, se eu quero que as pessoas entendam esta minha afirmação, necessariamente é preciso considerar que exista a razão. Sendo a razão essencialmente metafísica, se procuram negar a metafísica, ao negá-la entramos na era dos irracionalismos. Mas quem, se não a razão, para reconhecer estes irracionalismos? Aqui temos como que uma espécie de *Contradictio in Terminis* (Contradição de duas realidades opostas), instalada ali onde os simulacros irracionais da metafísica passam a circular no espaço da razão.

Essa contradição denuncia, na verdade, uma perversão profunda da essência da linguagem, ordenada à expressão do ser e capturada agora nas malhas sofisticadas do não-ser. É uma contradição que se aninha na linguagem e, portanto, num dos órgãos vitais do corpo da civilização e permanece dissimulada pelo fato de que a contradição, assinalando o limite abissal e intransponível do pensamento, não pode ser pensada como tal (LIMA VAZ, 1997, p. 186.).

A civilização que se coloca como pós-metafísica corre o risco de colocar a razão a serviço do instinto. E isto se percebe claramente no decorrer da história, e até em nossos dias atuais. Vemos muitas pessoas que são consideradas como simples instrumentos da razão dominada pelo instinto. Ou até a realidade da família que, a cada

dia que passa, é destruída pelo mesmo instinto que acaba como que instrumentalizando a razão a serviço dos seus fins.

A racionalidade que deveria estar a serviço da educação do ser humano encontra outra face, tem a razão a serviço do instinto - da dominação - do prazer, do lucro, da violência e, finalmente, da destruição e da morte.

Percebemos que cada vez mais a linguagem está sendo instrumentalizada, está se tornando um simples instrumento que traz benefícios a alguns, sendo explorada pelas ciências e técnicas da comunicação. Afastamo-nos da essência da linguagem que nos permitiria abrir uma perspectiva sobre a própria essência do homem e conferir maior qualidade à educação.

A linguagem distingue-se da língua, que é um conjunto particular organizado de signos intersubjetivos. A distinção entre linguagem e língua foi estabelecida por Ferdinand de Saussure, que a definia da seguinte forma: “A língua é um produto social da faculdade de linguagem e ao mesmo tempo um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social da faculdade de linguagem e ao mesmo tempo um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Do ponto de vista geral ou filosófico, o problema da linguagem é o problema da intersubjetividade dos signos, do fundamento desta intersubjetividade. (ABBAGNANO, 2007,p.708-9).

Henrique C. de Lima Vaz nos dá uma reflexão desta temática da linguagem dizendo que, embora não dispondo da imponente enciclopédia das ciências da linguagem que está ao nosso alcance, Aristóteles e Santo Agostinho estavam, provavelmente, bem mais perto de saber o que é a linguagem do que estamos nós. Com efeito, e para nos ater apenas ao *maestro di color Che sanno* (mestre dos que sabem), (Dante Alighiere, Inf.IV, 130), ao iniciar suas lições sobre a sociedade política, forma especialmente humana da vida social, Aristóteles escolheu a via real da linguagem – *logos*, para alcançar definir a essência da vida em comum (*kainonia*) dos homens, pois somente o *logos*, como síntese da palavra e do conceito é capaz de significar o que é danoso e o que é conveniente, o justo e o injusto, o bem e o mal, tornando-se desse modo o lugar da passagem dialética da particularidade do ser físico-biológico do homem para a universalidade do ser ético- político.

Podemos, pois, nos perguntar, como pode ser isto? Temos mais recursos que os filósofos antigos, porque não damos à linguagem o seu devido lugar? Com certeza, isto é possível, mas é claro que a civilização precisa tomar a linguagem em seu sentido verdadeiro, no qual abre uma perspectiva sobre a própria essência do homem e dá a possibilidade de uma cultura de aprendizagem maior e de qualidade.

# LINGUAGEM

## 1. Objeto de todos

Entre os vários problemas que a civilização Contemporânea tem, os quais se multiplicam cada vez mais, nos encontramos ainda com a situação da linguagem. Nós vemos a linguagem em nossos tempos sendo instrumentalizada, vemo-la presa, reduzida à clausura anônima da estrutura semiótica, onde se permitem todos os usos e abusos da sua função semântica.

A linguagem vem se tornando objeto disponível de consumo que é tecnocientífico para os privilegiados da restrita comunidade do saber, torna-se um consumo mediático para a massa, torna-se ideológica para os fanáticos militares de todas as cores e lúdico para todo tipo de ensaio de fuga de realidade. A linguagem, pois, está sendo desviada cada vez mais de sua finalidade essencial: a de ser a manifestação da natureza espiritual do pensamento e do seu inato dinamismo que lança sem cessar o homem na rota do sentido absoluto, assim cada vez mais nos distanciamos de uma verdadeira educação.

A linguagem cada vez mais se afasta de seu verdadeiro sentido, já não é:

O problema da origem da linguagem, discutido nos séculos XVII e XIX, é uma de suas formas, as duas soluções típicas são apenas dois modos de garantir a intersubjetividade dos signos lingüísticos. Dizer que a linguagem tem origem em convenções significa simplesmente que essa intersubjetividade é fruto de um acordo, de um contrato entre homens, e dizer que a linguagem se origina da natureza significa simplesmente que essa intersubjetividade é fruto de um acordo, de um contrato entre homens, e dizer que a linguagem se origina da natureza significa simplesmente que esta intersubjetividade é garantida pela relação entre o signo lingüístico e a coisa ou o estado subjetivo a que ele se refere. (ABBAGNANO, 2007, p.709).

Mas, a linguagem é um simples algo de que nossa sociedade se utiliza para alcançar muitos fins egoísticos e até, muitas vezes, fins sem sentido ou até mesmo fins que acabam prejudicando a outros.

Tornando-se apenas objeto disponível, algo que pode ser de uso e instrumento dócil a todas as causas, a linguagem permanece sem rumo no deserto do não ser, permanece como que um objeto de muito valor, que levou anos para ser feito, mas que não tem nenhuma utilidade verdadeira, só é utilizada na maioria das vezes de modo errado.

Da linguagem tiramos o ato do dizer autêntico, a prolação da palavra (*logos\_ verbum*) como diafania do ser, isto é, como um objeto que deixa contemplarmos a luz da realidade do ser. Mas, percebemos que o que nos resta é apenas o discurso sem fim sobre o sem fim dos objetos da carência e do desejo, percebemos que a linguagem, cada vez mais, se torna algo de simples interesse que a reduz momento a momento.

Será utópico ou desacreditável esperar que a palavra, manifestação translúcida da luz inteligível, volte a ocupar o centro do universo da linguagem, será, pois, utópico esperar que a linguagem novamente seja bem entendida e cumpra a sua verdadeira finalidade de ser a manifestação da natureza espiritual do pensamento? Aqui, como em outras formas fundadoras da experiência humana, é possível perceber a presença de um anelo profundo que atravessa a nossa cultura e se dirige a recolher o pensamento disperso na prodigiosa multiplicidade de fenômenos descobertos pela audácia inquisitiva do homem da contemporaneidade em torno do foco de onde irradia a significação primeira de todo pensável, que é a simples intuição da sua participação no ser.

Esperamos, pois, que esta realidade da linguagem não se torne, pois, esta utopia para a civilização, mas que esta corra atrás para que o quanto antes se recupere o verdadeiro e o essencial da linguagem.

Uma ontologia da linguagem, antes de ser objeto e tarefa de uma disciplina filosófica, é talvez a urgência intelectual maior imposta pelos paradoxos já antes assinalados que envolvem a situação da linguagem no nosso tempo, ou seja, pela cruel pobreza de compreensão em que ela se encontra a respeito da sua própria essência, em meio à profusa abundância das ciências que a tem simplesmente por objeto, e dos usos que multiplicam ao infinito suas formas e seu alcance. E que esta realidade possa ser mudada, mas não com um toque de mágica mas, sim, pelo esforço da civilização por recuperar a linguagem e que o homem dê a si mesmo a possibilidade de um verdadeiro conhecer.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre a realidade da qual se iniciou a linguagem e a realidade que se encontra na atualidade há uma grande distância. A linguagem tinha o lugar de manifestação e comunicação do ser, isto porque no decorrer da história da filosofia percebemos que ao abandonarem o ser da tradição clássica, os filósofos se colocaram a estudar o sujeito, na natureza, na história, na existência e finalmente como que vieram a descansar na linguagem.

Na contemporaneidade, a civilização, através da linguagem, colocou o conceito de pessoa em jogo, a pessoa foi sendo considerada como objeto qualquer entre



outros. A linguagem é tomada simplesmente como um objeto para fins egocêntricos de uma minoria colaborando, assim, na destruição do significado de pessoa e comprometendo o conhecer verdadeiro, atingindo diretamente em nossos dias a qualidade da educação.

A pessoa foi deixada de lado com o intuito de concentrar-se em um novo campo de conhecimento, mas ao deixar a metafísica fora do pólo do sujeito e do pólo da linguagem, o conceito de pessoa perdeu seus fundamentos metafísicos.

Bem sabemos que são muitos os problemas da contemporaneidade, entre tantos está o problema da linguagem, nós a vemos presa, reduzida à clausura anônima da estrutura semiótica, onde se permitem todos os usos e abusos da sua função semântica. Mas, bem sabemos que todo este problema da linguagem se resolverá quando a civilização não mais considerar a linguagem simplesmente como um instrumento qualquer, mas considerá-la como algo verdadeiro e essencial para a própria sociedade e para o próprio significado de pessoa que nos tempos atuais se encontra reduzido.

## **ABSTRACT**

The language has a place of manifestation of the firstborn, is a privileged place in the subject with philosophical reflection. Without language we can not come to know and to the manifestation of being. The language is being used simply as an instrument of self thinking. Carefully look at the breakdown of the classical paradigm of the dialectical identity between thought and being.

**KEY WORDS:** language; Manifestation; Being; philosophical reflection

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AQUINO, Tomás. *Summa Theologiae*.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

DELBECQUE, Nicole, *A Linguística Cognitiva Compreender como funciona a Linguagem*. Lisboa, Portugal, Instituto Piaget, 2008.

LIMA VAZ, H.C. de. *Escritos de filosofia III. Filosofia e Cultura*. São Paulo, Edições Loyola, 1997.